

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

23



Ἐπισημοῦς ἱστορικοῦ κέντρου τοῦ Πανεπιστημίου Ἀθηνῶν
καὶ τοῦ Πανεπιστημίου Ἰωαννίνων
ΜΗΝΙΝ ΑΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

SARGÃO II E A AMEAÇA DE MERODACH-BALADAN

ANTÓNIO RAMOS DOS SANTOS

Universidade de Lisboa
ajr-santos@sapo.pt

Resumo

Babilónia sempre foi um problema para os Assírios, e neste caso os Caldeus de Bit-Yakin, chefiados por Merodach-Baladan, são um episódio marcante na história assíria na região. Sargão II e Senaqueribe foram os intervenientes na luta contra a ameaça caldaica. A correspondência ajudou imenso na reconstituição dos factos.

Palavras-chave: Merodach-Baladan; Sargão II; Senaqueribe; Babilónia; Bit-Yakin.

Abstract

Babylon has been always a problem for Assyrians, and in this case Caldeans from Bit-Yakin leadershiped by Merodach-Baladan are a particular episode of Assyrian history in the region. Sargon II and Sennacherib are the intervenients in the struggle against the Caldean threat. Correspondence aided a lot in the reconstitution of facts.

Key-words: Merodach-Baladan; Sargon II; Sennacherib; Babylon; Bit-Yakin.

Este pequeno artigo trata das relações pouco amistosas entre Sargão II⁽¹⁾, rei da Assíria, e Merodach-Baladan (Marduk-apla-iddina)⁽²⁾, rei da tribo caldaica de Bit-Yakin. Os acontecimentos entre os dois giraram em

torno da cidade de Babilónia; as palavras que se seguem descrevem-os e apontam as respectivas conclusões históricas.

As tribos controlavam substanciais partes do território da Baixa Mesopotâmia. Existiam dois grupos principais de tribos, os Arameus e os Caldeus, ambos com origem nos Semitas do Oeste. A dicotomia entre as diversas populações em Babilónia baseava-se na sua organização sociopolítica. Muitas tribos viviam em cidades, e algumas mesmo em grandes centros urbanos. Os Arameus encontravam-se em Babilónia há mais tempo do que os Caldeus, mas eram mais fragmentados e menos sedentários ⁽³⁾.

Os Caldeus, apesar da chegada tardia, eram mais sedentários (a começar pela instalação na grande urbe de Babilónia) e mais unificados que os Arameus. Havia três tribos caldaicas maiores e duas menores, cada uma chamada de «Casa de tal», sob o controlo de um chefe, a quem as inscrições assírias referiam como rei.

As principais tribos eram: Bit-Amukani, no Baixo Eufrates junto a Uruk; Bit-Dakkuri, no Eufrates Central a sul de Borsippa mas por vezes activa em torno à própria Babilónia; Bit-Yakin, a mais poderosa das tribos caldaicas, dominando o território em torno a Ur e as margens a leste. De menor importância havia Bit-Sha'alli e Bit-Shilani, tribos mais pequenas por vezes citadas nas fontes.

1. A perda de Babilónia

Logo depois de Sargão II se ter tornado rei da Assíria em 722 a. C. ele perdeu Babilónia, a qual por múltiplas razões era vista como a mais preciosa, a mais prestigiada possessão do império – fora o *heartland* assírio, certamente. As circunstâncias da ascensão de Sargão foram dúbias e durante a primeira década do seu reinado ele esteve atarefado com o fortalecimento da sua acção no poder e evitando mais perdas ⁽⁴⁾. Os aliados gritavam por socorro contra os pérfidos vizinhos, disputando fronteiras que tinham de ser asseguradas contra invasões exteriores, e rebeldes que tinham de ser punidos dentro do império.

Um inimigo de Sargão ultrapassava o ódio ao longo das inscrições compostas para o monarca. Tratava-se de Merodach-Baladan (Marduk-apla-iddina), o rei da poderosa tribo caldaica de Bit-Yakin, o inimigo que tirara Babilónia das mãos de Sargão.

2. A reconquista de Babilónia (710 a. C.)

Em 710 a. C. Sargão consolidou o seu império tão firmemente que ele foi capaz de iniciar a grande e prolongada guerra necessária para vencer os seus inimigos Elamitas ⁽⁵⁾, Arameus e Caldeus, e para reconquistar Babilónia. Segundo as inscrições de Sargão, a sua campanha teve duas partes. Primeiro a principal força atacou as áreas a leste do rio Tigre, subjugou as tribos aramaicas e devastou a fronteira elamita. A intenção era a de prevenir que as forças aramaicas e elamitas se juntassem com o exército de Merodach-Baladan. Simultaneamente um destacamento assírio tomou a cidade de Dur Ladinni a sul de Babilónia. Quando o ataque começou os inimigos de Sargão estavam mais ou menos impreparados, e apenas a grande fortaleza de Dur-Abihara foi reforçada por Merodach-Baladan. Desde o princípio, o lado assírio teve a iniciativa e manteve-a durante todo o tempo enquanto a aliança liderada por Merodach-Baladan falhava completamente a coordenação das suas acções ou não reagia de todo.

Os Arameus foram subjugados gradativamente, cada tribo lutando sozinha contra possibilidades esmagadoras. O rei elamita nada fez, e Merodach-Baladan depressa se encontrou isolado em Babilónia. Retirou-se para o Elam para uma última e desesperada tentativa para procurar ajuda, mas sem qualquer benefício. Então preparou-se para defender a sua pátria Bit-Yakin.

Quando os notáveis de Babilónia convidaram Sargão para entrar na cidade, a primeira parte da sua guerra babilónica estava terminada. Segundo as inscrições nenhuma resistência armada teve lugar dominando este e as tribos caldaicas, com a excepção de Bit-Yakin, apressaram-se a render homenagem ao novo rei de Babilónia.

A segunda parte da guerra iniciou-se após o festival do Ano Novo em 709. Almejada para Bit-Yakin, esta campanha foi menos espectacular do que a rápida guerra do ano anterior. Depressa se atolou num cerco prolongado de Dur-Yakin, a principal fortaleza de Merodach-Baladan. Após amargo combate contra um inimigo desesperado e entricheirado em maciças fortalezas, Sargão finalmente estava preparado para um compromisso: Merodach-Baladan entregou a fortaleza mas os Assírios tinham de concordar dar-lhe um salvo conduto para o Elam conjuntamente com a sua comitiva. Segundo os anais o cerco supostamente terminou no ano em que começara, 709. Mas a destruição de Dur-Yakin não esteve completa senão em 707.

3. Babilónia após a conquista de Sargão (710-705 a. C.)

Os analistas de Sargão dão uma visão magnífica das beneficências do governo assírio trazido para Babilónia: ordem civil, segurança, justiça, infraestruturas e agricultura – tudo aquilo de que os Babilónios tinham sido privados durante o reinado do «mau» Merodach-Baladan foi restaurado e melhorado. Mas, na melhor das hipóteses, eram projectos para o futuro. Muitas das descrições eram pura propaganda – ou auto-decepções, se os cortesãos assírios de facto acreditavam nelas. Muitas das cartas que diziam respeito a assuntos pacíficos em Babilónia são de Sharru-emuranni mas existem muitas mais que não podem ser assinadas por um autor específico. Nenhuma cena coerente pode ser desenhada a partir deles, mas eles deviam ser lidos tendo em conta o resultado do governo de Sargão, resultado esse que aparece nas inscrições de seu filho Senaqueribe.

Após a morte de Sargão, em 705, Babilónia levantou-se em revolta e Merodach-Baladan cedo estava de volta ao seu anterior trono em Babilónia. Senaqueribe reagiu quase de imediato, em 704. Primeiramente a sua campanha parece ter-se tornado uma repetição do ataque do seu pai em 710. Novamente uma fortaleza, desta vez Cutha, foi preparada pelo inimigo para sustentar o seu avanço. Durante o cerco Senaqueribe imitou o seu pai por igualmente ter enviado um destacamento à frente para observar Merodach-Baladan, mas os resultados foram diferentes: em 710 Merodach-Baladan fora passivo e os Caldeus de Bit-Dakkuri estavam prontos a apoiar as tropas de Sargão, mas em 704 o destacamento de Senaqueribe não encontrou qualquer apoio. Em vez disso foi colocado perto de Kich para fugir quando Merodach-Baladan saiu de Babilónia. Em 710 Merodach-Baladan retirou-se sem luta quando a força principal assíria invadiu Babilónia, mas quando Senaqueribe avançou após a queda de Cutha encontrou as forças combinadas dos Elamitas, Caldeus, Arameus e também Árabes ⁽⁶⁾, que o esperavam em Kich. Senaqueribe venceu-os e forçou Merodach-Baladan a novamente fugir para o Sul, após o que Senaqueribe sentou-se no trono de Merodach-Baladan como o tinha feito Sargão em 710. No mesmo palco em 710 os Caldeus submeteram-se a seu pai e agora Senaqueribe teve de subjugar cada tribo caldaica e aramaica.

A conquista de Sargão fora mais fácil porque os seus inimigos possibilitaram a derrotá-los gradativamente, acima de tudo porque lhes faltava

coesão e coordenação, e eram indiferentes, oportunistas e egoístas. Estes erros dos seus inimigos fizeram-no parecer como um dirigente brilhante em diplomacia assim como no campo de batalha. Mas menos de cinco anos de domínio de Sargão eram suficientes para fazer o que Merodach-Baladan fora incapaz de alcançar em mais de uma década, e todos os súbditos ingovernáveis de Merodach-Baladan estavam prontos a passarem para o seu lado quando ele reaparecesse. Em 704 o invasor assírio de então teve de travar batalha no Nordeste de Babilónia.

Os anos entre 710 e 705 tiveram uma duradoura impressão em Babilónia e deixaram também um fardo pesado para o filho de Sargão. Foi para Senaqueribe experimentar com que cautela os inimigos da Assíria analisaram os seus erros. E pior do que tudo, a maior parte deles sobreviveu ao ataque violento de 710 mais ou menos ilesos. Tanto os anais como as cartas de Sargão estão de acordo que no Nordeste de Babilónia e entre as tribos caldaicas, excepto Bit-Yakin, as baixas eram comparativamente baixas e pouca destruição, e que a conquista assíria nestas áreas não fora seguida de deportações em massa. Logo, Babilónia não estava enfraquecida quando a guerra começou de novo.

A falta de cartas necessárias para nos dar uma luz adicional nesses quinze anos é um infortúnio, tendo as tribos e as cidades retomado a guerra com quase teimosia suicida sofrendo sucessivas derrotas até à vitória final de Senaqueribe em 689.

Conclusão

Podemos dividir a actividade de Merodach-Baladan em quatro fases. Uma primeira em que este tentou impedir ou perturbar as actividades dos Assírios com um contra-ataque. Ataque a Dur-Sharrukku provavelmente baseando-se em notícias acerca de um insuficiente fornecimento de água, tentativa gorada devido ao facto dos pressupostos não existirem. Uma segunda fase, em que notícias alarmantes chegavam a Babilónia: o rei assírio forçava o seu caminho irresistivelmente através dos pântanos, fortalezas e tribos hostis, dando exemplo da sua capacidade destrutiva. A seu tempo apareceria em Babilónia com todo o seu poder. Os dirigentes das tribos locais e das cidades procuravam caminhos para escaparem à catástrofe. Desde o início da guerra oficiais assírios tentaram usar a diplomacia e as negociações secretas para vencerem as tribos e as

ciudades do Norte de Babilónia. Na terceira fase, Merodach-Baladan retira de Babilónia e movimenta-se para sul. Na quarta fase, quando no Sul Merodach-Baladan estava fora do alcance da rede de espiões assírios montada no Norte de Babilónia.

No geral, as cartas ajudam a acrescentar bastante ao panorama do reino de Merodach-Baladan. As cartas são uma informação adicional às inscrições mas dão somente pedaços de informação e aludem a factos conhecidos apenas pelo remetente e pelo receptor da carta. As cartas podem dar um contexto maior às inscrições.

Doze anos de reinado de Merodach-Baladan não foram suficientes para convencer as tribos ou as grandes cidades do Norte da Babilónia a defender o seu império. A sua autoridade evaporou-se sempre que se encontrava sob pressão. As decisões políticas cruciais eram feitas separadamente por cada tribo e cidade. Do ponto de vista dos Assírios, Merodach-Baladan pode aparecer como o rei da Caldeia, mas entre os habitantes do Norte o seu reino não era visto nem como babilónico nem como um reino caldeu. Era apenas o reino de Bit-Yakin apoiado pelas tribos aramaicas.

Documentos

Documento 1

Tipologia: Carta.

ABL 1071 – «[Para o rei, meu senhor: Il-yada'. Boa saúde] para [o rei, meu senhor"! A terra] e [as fortalezas do rei meu senhor estão bem. O rei, meu senhor, pode] estar [satisfeito].

Notícias de Merodach-Baladan: [ele partiu] de Cutha no quinto dia de [...] e entrou [...no dia x], antes dos desta[camentos] e contingentes...[.....]

... [.....]

escreveu-me [.....]

Então [.....]

[a que]m o rei, meu senhor, [.....]

[Quebrado]

“Merodac[h-Baladan]

“[...e]m Cut[ha...]

“de Cut[ha...]

“para o rio[.....]

"[Eu continua[rei a vigiar[.....]

"[Em C]utha[.....]."

Agora estou a enviar a[o rei, meu senhor]. O r[ei, meu senhor, deve interrogá-lo.]»

Documento 2

Tipologia: Carta.

ABL 503 – «Para o rei, meu senhor: o teu servo Il-yada'. Saúde para o rei, meu senhor! A terra e as fortalezas do rei meu senhor estão bem.

O rei, meu senhor, pode estar satisfeito.

A respeito do que o rei, meu senhor, me escreveu: "Durante estes dois meses, está atento e mantém uma forte guarda, até eu chegar!" – as tropas e cavalos estão formados juntos para estarem de guarda no distrito do rei, meu senhor, (e) [eu] próprio estou constantemente a controlar a minha guarda.

Os deuses do rei, meu senhor, providenciaram a paz: desde que o rei, meu senhor, foi ao país do inimigo, não houve qualquer ataque inimigo, não houve de todo ataque inimigo. O distrito do rei, meu senhor, está verdadeiramente bem.

Quanto ao di[que] acerca do qual o rei, meu senhor, me escreveu: «Presta aten[ção! Por que está]a obrigação de trabalho atras[ado]?» – Eles não [terminaram] de escavar os [rios] que eles empreenderam, é o tem[po] de cultivar as sementes, mas moldaram tijolos e trilharam (terra).

Libertei os homens, para que [es]cavem os seus rios e moldem tijolos.

(Agora) foram novamente para aí [no se[u] pleno poder] e estão a terminar removendo o trabalho, obrigação [que] eles não tinham terminado.

A sua ponte foi completamente construída.

Após o rio ter sido totalmente desimpedido, então enviarei (palavra) a Assur-bel-u-taqin: "Vem, vamos abrir o dique!" Se lhe convier e ele vier, abri-lo-ei. Se não e ele disser: "Na época de cultivar as sementes; ele abri-lo-á no começo do inverno. Também, há muita água no rio Diyala, as águas vão para Dur-Sharrukku. Os seus homens *não foram capazes* de ir até à foz do rio devido à quantidade de água.

[No]tícias de Merodach-Baladan: [ele vol]tou e está no seu país.»

Documento 3

Tipologia: Carta.

ABL 1024 – «Ele declara: Marduk-sarrani disse a Merodach-Baladan: “Quem conjura [contra mi]m na Assíria? Tornei-[me um...!...] de quem não há testemunho.”

[...] declara: Marduk – sarrani disse[ao filho de Yakin: [Quem na] Assí[ria].....]

(Quebrado)

[...declara: “[Marduk-sarrani disse ao filho de Ya]kin: ’ [...que] conhece o pastor [...que] situe o teu trono nas [vossas] m[ãos].....]. E eu [...] da Assíria [...] não peço. [...].”

Ele [também] declarou ao filho de Yakin: “Não há água em Dur-Sharrukku. Se vieres e lançares um ataque, tomá-la-ás em cerca de um dia.»

Documento 4

Tipologia: Carta.

ABL 830 – «Para o governador, meu senhor, na tabuinha de Šamaš-abu-usur.

Ra’ iwanu, o sobrinho de Bel-iddina de Nagiati veio e contou-me (isto):

O filho de Zerî está atravessar em Bab-bitqi. O Itu’u, o Hubu’u, e o [Li]tau’u [atra]vessaram [antes d]eles na cidade de Apallâ. Os Rahihu [estão] pernoitando na cidade de Nunak.

Relata-o ao palácio! Mande-te a in[for]mação!»

Sigla

ABL – R.F. Harper, *Assyrian and Babilonian Letters*, London, Chicago, 1892-1914.

Notas

⁽¹⁾ Ver Francis JOANNÈS (dir.), *dictionnaire de la Civilisation Mésopotamienne*, Paris, Robert Laffont, 2001, pp. 756-758. Ver Francis JOANNÈS, *La Mésopotamie au 1er millénaire avant J.-C.*, Paris: Armand Colin, 2000, pp. 85-86.

- ⁽²⁾ Ver Francis JOANNÈS (dir.), *dictionnaire de la Civilisation Mésopotamienne*, pp. 523-525.
- ⁽³⁾ Ver H. W. F. SAGGS, *Babylonians*, London: British Museum Press, 1995, pp. 128-139. Ver J. A. BRINKMAN, *Prelude to Empire. Babylonian Society and Politics, 747-626 B. C.*, Philadelphia: Occasional Publications of the Babylonian Fund, 1984, pp. 39-65.
- ⁽⁴⁾ Ver George ROUX, *La Mésopotamie. Essai d'histoire politique, économique et culturelle*, Paris: Seuil, 1985, pp. 273-283.
- ⁽⁵⁾ Ver Francis JOANNÈS (dir.), *dictionnaire de la Civilisation Mésopotamienne*, pp. 272-276.
- ⁽⁶⁾ Ver *ibidem*, pp. 61-63. Ver Mario LIVERANI, *Antico Oriente. Storia Società Economia*, Roma: Laterza, 1988, pp. 847-852. Ver Pierre BRIANT, *Etat et pasteurs au Moyen-Orient ancien*, Cambridge, Paris: Cambridge University Press, Maison des sciences de l'homme, 1982, pp. 114-125.

Bibliografia

- BRIANT, Pierre, *Etat et pasteurs au Moyen-Orient ancien*, Cambridge, Paris: Cambridge University Press, Maison des Sciences de l'Homme, 1982.
- BRINKMAN, J. A., «*Prelude to Empire. Babylonian Society and Politics, 747-626 B. C.*», Philadelphia: Occasional Publications of the Babylonian Fund, 7, 1984.
- FUCHS, Andreas; PARPOLA, Simo, *The Correspondence of Sargon II, Part III. Letters from Babylonia and the Eastern Provinces*, SAA, vol. XV, Helsinki: Helsinki University Press, 2001.
- GRAYSON, A. K., *Assyrian and Babylonian Chronicles*, Winona Lake: Eisenbrauns, 2000.
- JOANNÈS, Francis, *dictionnaire de la Civilisation Mésopotamienne*, Paris: Robert Laffont, 2001.
- JOANNÈS, Francis, *La Mésopotamie au 1er millénaire avant J.-C.*, Paris: Armand Colin, 2002.
- LIVERANI, Mario, *Antico Oriente. Storia Società Economia*, Roma: Laterza, 1988.
- ROUX, George, *La Mésopotamie. Essai d'histoire politique, économique et culturelle*, Paris: Seuil, 1985.
- SAGGS, H. W. F., *Babylonians*, London: British Museum Press, 1995.